

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Rozelaine Rubia Bueno D' Almeida

**PROPOSTAS DE DIFERENTES ESTÍMULOS DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL VOLTADOS PARA UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA**

Cruz Alta, RS
2018

Rozelaine Rubia Bueno D' Almeida

**PROPOSTAS DE DIFERENTES ESTÍMULOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
VOLTADOS PARA UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Ambiental (EaD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a Bruna Denardin da Silveira

Cruz Alta, RS
2018

Rozelaine Rubia Bueno D' Almeida

**PROPOSTAS DE DIFERENTES ESTÍMULOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL
VOLTADOS PARA UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Ambiental (EaD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental.**

Aprovado em 01 de dezembro de 2018:

Bruna Denardin da Silveira, Dr^a. (UNIPAMPA)
(Presidente/Orientador)

Djalma Dias da Silveira, Dr. (UFSM)

Ana Caroline Paim Benedetti, Dr^a. (UFSM)

Cruz Alta, RS
2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha
amada filha Júlia.

RESUMO

PROPOSTAS DE DIFERENTES ESTÍMULOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL VOLTADOS PARA UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA

AUTORA: Rozelaine Rubia Bueno D' Almeida
ORIENTADORA: Bruna Denardin da Silveira

A educação ambiental enquanto uma área de estudo deve abranger os mais diferentes níveis de ensino, tornando-se um espaço para práticas capazes de despertar novos sentimentos, atitudes e valores sobre a natureza. Dessa forma, os alunos com deficiência também devem ser inseridos neste processo de aprendizagem, independentemente de suas condições pessoais. Assim, este trabalho objetivou promover práticas e estímulos de educação ambiental com um aluno autista. Para tanto, utilizou-se de pesquisa bibliográfica para o embasamento do referencial teórico, pesquisa descritiva, abordagem qualitativa e coleta de dados a partir de observação e entrevista não estruturada. As conclusões do estudo demonstraram que a tarefa de confecção do boneco ecológico mostrou-se significativa e importante para o aluno, visto que o mesmo estabeleceu o hábito de molhar o boneco após a sua finalização, despertando o cuidado e a responsabilidade. Além disso, destaca-se a importância do apoio as práticas pedagógicas de atenção às diferenças, as quais visam possibilitar novas possibilidades e experiências de aprendizagem. Dessa forma, pode-se concluir que é possível promover uma diversificação das práticas pedagógicas articuladas com temas de educação ambiental, representando uma forma de aproximar o aluno a novas experiências com a natureza. Diante disso, recomenda-se realizar o mesmo trabalho com outros alunos com deficiência, visando estabelecer outros tipos de análises. Por outro lado, poderiam ser acrescentadas outras formas de estímulos junto ao meio ambiente, sendo estas oferecidas durante as viagens e passeios realizados pela escola.

Palavras-chave: Autismo. Sala de Recursos. Boneco Ecológico.

ABSTRACT

PROPOSALS OF DIFFERENT ENVIRONMENTAL STUDENTS OF ENVIRONMENTAL EDUCATION FOR A DISABLED STUDENT

AUTHOR: Rozelaine Rubia Bueno D' Almeida

ADVISOR: Bruna Denardin da Silveira

Environmental education as an area of study should cover the most different levels of education, becoming a space for practices capable of arousing new feelings, attitudes and values about nature. In this way, students with disabilities must also be included in this learning process, regardless of their personal conditions. Thus, this work aimed to promote practices and incentives of environmental education with an autistic student. For this purpose, a bibliographic research was used to base the theoretical reference, descriptive research, qualitative approach and data collection from observation and unstructured interview. The conclusions of the study demonstrate that the task of making the ecological doll was significant and important for the student, since it established the habit of wetting the doll after its completion, awakening care and responsibility. In addition, it is important to emphasize the pedagogical practices of attention to differences, which aim to enable new possibilities and learning experiences. In this way, it can be concluded that it is possible to promote a diversification of pedagogical practices articulated with environmental education themes, representing a way to bring the student closer to new experiences with nature. Therefore, it is recommended to carry out the same work with other students with disabilities, in order to establish other types of analysis. On the other hand, other forms of stimulation could be added to the environment, which are offered during the trips and excursions carried out by the school.

Keywords: Autism. Resource Room. Ecological Doll.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Processo de recorte e colagem de material para confecção de um boneco ecológico pelo aluno autista.....	24
Figura 2 – Percepção dos diferentes elementos da natureza pelo aluno autista.....	25
Figura 3 – Processo de enchimento e modelagem do boneco ecológico pelo aluno autista.....	26
Figura 4 – Imagem do boneco ecológico finalizado pelo aluno autista.....	27
Figura 5 – Percepção do elemento água durante a atividade prática realizada pelo aluno autista.....	28
Figura 6 – Percepção da cor, altura, textura e forma das árvores pelo aluno autista.....	29
Figura 7 – Percepção de diferentes plantas pelo aluno autista.....	30
Figura 8 – Colheita e consumo de frutos de amora pelo aluno autista.....	31
Figura 9 – Percepção do solo pelo aluno autista enquanto caminha descalço.....	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
1.1	PROBLEMA.....	09
1.2	OBJETIVOS.....	10
1.2.1	Objetivo Geral	10
1.2.2	Objetivos Específicos	10
1.3	JUSTIFICATIVA.....	10
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO.....	11
2	REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1	EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONCEPÇÕES TEÓRIAS.....	13
2.1.1	A educação ambiental no contexto escolar	15
2.2	EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA DE PESSOAS EM CONDIÇÕES ESPECIAIS.....	17
2.3	O AUTISMO OU TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	18
2.3.1	Estudos realizados com alunos com deficiência	19
3	MATERIAIS E MÉTODOS	20
3.1	CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO DO LOCAL DE ESTUDO.....	20
3.2	PLANO DE PESQUISA E COLETA DE DADOS.....	20
3.3	ANÁLISE DE DADOS.....	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
4.1	CONFECÇÃO DE UM BONECO ECOLÓGICO POR UM ALUNO AUTISTA.....	23
4.2	OUTRAS POSSIBILIDADES DE ESTÍMULOS NO CONTEXTO DO AMBIENTE ESCOLAR.....	29
5	CONCLUSÃO	33
	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

O meio ambiente pode ser percebido de diferentes maneiras, de forma contínua e interdisciplinar, construído pela curiosidade natural que vai se estabelecendo à medida que a criança vai se desenvolvendo. Existem muitos conceitos ou habilidades que podem ser apropriadas a partir de fatos, relações, observações e vivências pessoais de forma prática junto ao ambiente natural, os quais podem possibilitar novas aprendizagens e experiências que irão contribuir e estimular o potencial e o talento individual de cada um.

A educação ambiental propriamente dita representa uma área de estudo que deve ser desenvolvida junto às escolas, abrangendo todos os alunos dos diferentes níveis de ensino. A Constituição Brasileira de 1988, já destacava em seu Art. 255, Capítulo VI e Inciso VI a necessidade de inserir o tema no contexto escolar, ou seja, da importância de “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 1988).

A Política Nacional do Meio Ambiente, expressa na Lei n. 6.938 de 31 de agosto de 1981 (BRASIL, 1981), destaca em seu Art. 2º que a referida lei tem como objetivo a “preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar, no País, condições ao desenvolvimento sócio-econômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana”, devendo ser atendido o princípio da educação ambiental em todos os níveis de ensino, abrangendo a educação na comunidade, objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente.

Conforme Brasil (1999), a Educação Ambiental pode ser entendida como um processo onde os indivíduos e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências direcionadas para a conservação do meio ambiente.

Neste sentido, as escolas também tornaram-se um espaço de debates para a construção de uma cidadania ambiental, estimulando práticas capazes de modificar atitudes e conscientizar sobre os problemas ambientais. A partir da compreensão teórico-prático das questões ambientais vivenciadas no mundo hoje, pode-se desenvolver comportamentos e ações que promovam uma mudança de mentalidade em relação à melhoria do meio ambiente.

A Política Nacional de Educação Ambiental estabelece que o tema representa um componente essencial e permanente da Educação Nacional, a qual deve estar presente de forma articulada em todos os níveis e modalidades de ensino formal e não-formal (BRASIL, 1999). Diante disso, percebe-se que as atividades de educação ambiental realizadas na escola devem ser orientadas e desenvolvidas para todos os alunos matriculados, englobando temas pertinentes a realidade da sociedade atual.

Neste sentido, destaca-se que os alunos das escolas com Atendimento Educacional Especializado (AEE), também estão inseridos no processo de aprendizagem independente das suas condições especiais. A Educação Especial possui como público-alvo as pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2011).

Uma pessoa com transtorno global do desenvolvimento apresenta alterações qualitativas em suas interações sociais e no processo de comunicação. Podem ser incluídos neste grupo as crianças com Autismo Infantil, Síndrome de Rett, Síndrome de Asperger e Transtorno Desintegrativo da Infância (DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

O Atendimento Educacional Especializado deve promover a acessibilidade e as necessidades individuais dos estudantes da educação especial. Além disso, o planejamento deve estar integrado com a proposta pedagógica da escola, em todas as etapas e modalidades da educação básica, garantindo o acesso e a efetiva participação destes alunos no contexto escolar (BRASIL, 2014).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) também denominado apenas por autismo, consiste num tipo de necessidade especial onde o aluno matriculado em classe comum também recebe apoio pedagógico na escola, sendo o atendimento individualizado ou em pequenos grupos. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência estabelece em seu Art. 4º que “toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação” (BRASIL, 2015, p. 03).

1.1 PROBLEMA

Atividades diferenciadas podem ser realizadas no atendimento educacional especializado para estimular a educação ambiental em um aluno autista?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O presente estudo teve como objetivo promover práticas e estímulos de educação ambiental com um aluno autista.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Confeccionar um boneco ecológico para estimular o processo de criação e imaginação.
- Propor formas diferenciadas de estímulos de educação ambiental junto ao meio ambiente.
- Estabelecer reflexões sobre a prática e estímulos de educação ambiental realizadas.

1.3 JUSTIFICATIVA

O estudo da temática proposta é importante em virtude da necessidade de realização de diferentes abordagens da educação inclusiva, a qual possibilita uma enorme variedade de possibilidades junto aos alunos com deficiência.

A educação ambiental representa uma área de conhecimento que deve ser desenvolvida nas diferentes disciplinas do currículo básico, abrangendo os temas mais diversos. Na perspectiva da educação inclusiva, o aluno com necessidades especiais que está integrado no ambiente escolar, também apresenta possibilidades de aprendizagem, considerando as suas características pessoais e suas potencialidades.

Conforme Ziraldo (2013), o autista necessita de apoio em seu processo de desenvolvimento, sendo estimulado a acreditar no seu potencial para superar suas limitações. Além disso, deve ser respeitado e incluído no meio social em que vive, visto que pode desenvolver talentos diferenciados, podendo contribuir como qualquer

outro aluno na sala de aula. A união entre a escola e a família constituem na forma mais importante em busca de uma melhoria das condições de vida da criança autista.

São variadas as terapias existentes para o tratamento do autismo, sendo que cada uma busca atender uma necessidade específica. A escola, enquanto ambiente constitucional, está estruturada para receber estas crianças e realizar um processo de avaliação e planejamento da forma de atendimento necessário, ou seja, “é capaz de abranger mais recursos que podem ser aproveitados no acompanhamento destas crianças do que aquele que é possível num espaço clínico” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000, p. 30).

A avaliação e o planejamento estão relacionados com a “aceitação de que estas crianças possuem um funcionamento psíquico peculiar que se manifesta por falhas em todas as áreas de seu desenvolvimento” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000, p. 30). Tal concepção está baseada na evolução das pesquisas genéticas, neurológicas e bioquímicas existentes.

A educação ambiental no âmbito escolar, promotora de saúde e ações voltadas para o cuidado com o meio ambiente deve abranger toda a comunidade escolar. Conforme Pelicioni (2005, p. 832), “esse novo modelo educativo deve alcançar a todos, igualmente, sem exclusão de raça, sexo, deficiência física ou mental, situação econômica ou localização geográfica, procurando reduzir as desigualdades de acesso que existem”.

Outra questão importante é a carência de estudos referentes a práticas de educação ambiental com alunos com deficiência, uma vez que a maioria dos trabalhos existentes tratam da inclusão desse alunos no contexto escolar a partir do uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs).

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Para o desenvolvimento do estudo fez-se necessário abordar algumas questões que serão apresentadas em capítulos, buscando alcançar os objetivos do trabalho.

Dessa forma, o presente estudo divide-se em cinco capítulos. No primeiro capítulo é apresentada a introdução do trabalho, destacando-se o problema da

pesquisa, o objetivo geral e objetivos específicos, a justificativa para realização do estudo, sendo finalizado com o presente tópico que apresenta a estrutura do trabalho.

No segundo capítulo tem-se a revisão de literatura que possibilita contextualizar a educação ambiental a partir de suas concepções teóricas e no contexto escolar. Além disso, destaca-se a importância da educação especial e inclusiva de pessoas em condições especiais, bem como o autismo ou transtorno do espectro autista (TEA) enquanto um tipo de alteração de desenvolvimento.

No terceiro capítulo são apresentados os materiais e métodos para a elaboração do referido trabalho. Dessa forma, realizaram-se algumas considerações sobre o contexto do local de estudo, o plano de pesquisa e coleta de dados, bem como a forma como foi realizada a análise dos dados e as limitações do presente estudo.

O quarto capítulo apresenta os resultados e discussões, ou seja, inicialmente explicou-se a forma como foi confeccionado um boneco ecológico por um aluno autista e na sequência são propostas outras possibilidades de estímulos de educação ambiental no contexto escolar.

No último capítulo são apresentadas as conclusões do trabalho, bem como, as recomendações para futuras pesquisas diante desse estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O presente capítulo tem como objetivo apresentar algumas concepções teóricas sobre a educação ambiental, bem como fazer algumas reflexões sobre a educação especial e inclusiva e o autismo

2.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONCEPÇÕES TEÓRICAS

A educação ambiental constitui um tema presente nas mais distintas áreas do conhecimento, com diversas possibilidades de abordagens e investigações, a qual vem acompanhada ao longo do tempo pela conscientização da sociedade em torno da defesa do meio ambiente. Conforme Leonardi (2002, p. 391), “a educação ambiental tem sido bastante discutida atualmente em vários e diferentes contextos”.

Todavia, o conceito de educação ambiental “tem variado ao longo do breve tempo de vida de modalidade pedagógica” (LEONARDI, 2002, p. 394). Além disso, percebe-se que as diferentes definições de educação ambiental variam conforme a formação e experiência profissional de quem as formulou, não constituindo-se em uma tarefa fácil atender a tantas diversidades, uma vez que abrange diversas realidades caracterizadas por enorme complexidade.

Nota-se, portanto, que a educação ambiental busca formar e preparar os seres humanos para a reflexão crítica da realidade, mediante uma ação social transformadora, implicando na utilização de subsídios teóricos de diferentes áreas. Enquanto prática democrática, busca a preparação para o exercício da cidadania, seja pela participação ativa individual ou coletiva, levando em consideração aspectos socioeconômicos, políticos e culturais que a influenciam (PELICIONI; PHILIPPI JR, 2005).

Dessa forma, a educação ambiental pode ser compreendida “como uma prática transformadora, comprometida com a formação de cidadãos críticos e co-responsáveis por um desenvolvimento que respeite as mais diferentes formas de vida” (TRISTÃO, 2002, p. 169). Todavia, a mesma tem enfrentado alguns desafios neste início de século, os quais referem-se a existência de uma multiplicidade de saberes, a busca por superar a visão do especialista e a pedagogia das certezas, bem como ultrapassar a lógica da exclusão.

Em outras palavras, a educação ambiental compreende uma área na qual irradiam diferentes concepções teóricas e formas de pensamento, devendo assim, ser superada a visão linear do especialista que impossibilita uma reflexão mais abrangente e articulada entre as distintas disciplinas. Além disso, a superação da pedagogia vem de encontro com a necessidade em trazer a reflexão para o ambiente escolar, propondo a superação da lógica da exclusão a partir de uma crítica a realidade social, caracterizada pelas desigualdades sociais e pobreza (TRISTÃO, 2002).

Neste sentido, destaca-se que a educação ambiental “marca uma nova função social da educação, não constitui apenas uma dimensão, nem um eixo transversal, mas é responsável pela transformação da educação como um todo, em busca de uma sociedade sustentável” (LUZZI, 2005, p. 399). Assim:

É neste sentido que se pode afirmar ser tão errado separar prática de teoria, pensamento de ação, linguagem de ideologia, quanto separar ensino de conteúdos de chamamento ao educando para que se vá fazendo sujeito do processo de aprendê-los. Numa perspectiva progressista o que devo fazer é experimentar a unidade dinâmica entre o ensino do conteúdo e o ensino de que é e de como aprender (FREIRE, 1997, p. 141).

Conforme Legan (2007, p. 11), “a verdadeira educação ambiental só acontece na vivência prática com o ambiente, descobrindo o impacto e o potencial de restauração”. Neste sentido, Freire (1997, p. 43-44) destaca que “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Em relação a educação ambiental, a mesma pode ser dividida em formal e informal. Aquela exercida no ambiente escolar representa a educação formal, a qual engloba conteúdos diversos, metodologias claramente planejadas e formas de avaliação definidas, realizadas dentro ou fora da escola ou sala de aula. Para Leonardi (2002, p.397), “é uma atividade que compõe o universo escolar”.

Já a educação informal é aquela realizada em variados espaços da vida social, com formas de ações diferenciadas da estrutura formal. Conforme Leonardi (2002), a educação informal é pouco registrada, mas bastante praticada pelas mais diferentes entidades, menos estruturada que a estrutura formal, mas bastante rica em termos de parcerias.

Em linhas gerais, constata-se a importância da educação ambiental independentemente da modalidade praticada, como forma de possibilitar

aprendizagens de temas voltados para o cotidiano dos jovens e suas trajetórias de vida. Oportunizar experiências práticas e reflexões que desenvolvam a construção de novos conhecimentos, contribuindo assim, para a formação da cidadania e mudanças de valores individuais e coletivos.

Nota-se, portanto, que a educação ambiental independente da denominação que adquira, ou seja, educação para o desenvolvimento sustentável, educação para o futuro sustentável, educação para as sociedades responsáveis, deve se encaminhar para a busca de um sentido e significado para a existência humana (LUZZI, 2005).

2.1.1 Educação ambiental no contexto escolar

As discussões envolvendo as questões ambientais existem a muito tempo, sendo discutidas por estudiosos e pesquisadores de diferenciadas áreas do conhecimento. Todavia, a educação no âmbito escolar esteve durante algum tempo direcionado para as individualidades, não levando em consideração as influências provenientes da realidade socioeconômica, política e cultural as quais os indivíduos estão inseridos (PELICIONI, 2005).

Os problemas ambientais que a população enfrenta, de uma forma geral, repercutem no bem estar da sociedade e refletem as mudanças e transformações que ocorrem em âmbito globalizado de mundo. Conforme Pelicioni (2005, p. 832), “esse novo modelo educativo deve alcançar a todos, igualmente, sem exclusão de raça, sexo, deficiência física ou mental, situação econômica ou localização geográfica, procurando reduzir as desigualdades de acesso que existem”.

Para Pimenta e Lima (2004, p. 88), “o professor é um profissional do humano que ajuda no desenvolvimento pessoal e intersubjetivo do aluno, sendo um facilitador de seu acesso ao conhecimento”. Assim, possibilita no contexto escolar trocas de ideias e a reflexão sobre os mais diversos assuntos.

Em relação a aula, Pimenta e Lima (2004, p. 159) afirmam que “a aula é uma célula que representa o todo da escola: o projeto-pedagógico, o currículo, o projeto da área e o planejamento da disciplina. As aulas são, por sua vez, múltiplas, diversas, e expressam diferentes compreensões [...]”. As aulas podem apresentar-se as mais variadas possíveis, constituindo-se em um espaço de práticas, debates e interações sociais entre os diferentes sujeitos presentes neste espaço.

Libâneo (2002, p. 19) considera que “a prática escolar consiste na concretização das condições que asseguram a realização do trabalho docente”. A educação enquanto um processo permanente deve possibilitar a construção de conhecimentos, a medida em que são trabalhados os conteúdos e realizadas as diferentes práticas no espaço escolar.

Conforme Freire (1997, p. 34), “por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”. Por isso, percebe-se a importância do espaço escolar enquanto um lugar voltado para oportunizar novas experiências e mudanças de comportamentos e atitudes nos estudantes.

A escola deve propiciar conteúdos direcionados ao meio ambiente, que promovam a reflexão de informações e a formação de valores necessários para mudanças nos estilos de vida. Pelicioni (2005, p. 831) destaca que “o desafio da educação, então, é propiciar bases para compreensão da realidade a fim de poder transformá-la”.

Do ponto de vista formal, a educação ambiental é aquela exercida no âmbito escolar, representando um assunto relativamente novo, tanto no que refere-se a política pública como uma preocupação de educadores, famílias, intelectuais e profissionais de distintas áreas do saber (LEONARDI, 2002).

Ao mesmo tempo, Pelicioni (2005) considera que as áreas da educação, saúde e meio ambiente devem fortalecer-se no contexto do ensino formal e informal, atuando como uma importante força para a promoção dessas ideias. Considera ainda que:

Assim sendo, a escola é um espaço de ensino-aprendizagem, convivência e crescimento importante, no qual se adquirem valores vitais fundamentais. É o lugar ideal para desenvolver programas de promoção e educação em saúde e de educação ambiental, de amplo alcance e repercussão, já que exerce uma grande influência sobre as crianças e adolescentes nas etapas formativas mais importantes de sua vida (PELICIONI, 2005, p. 831).

Nas idades pré-escolar e escolar as crianças adquirem as bases fundamentais para o seu desenvolvimento, bem como o senso de responsabilidade e outras características importantes que irão influenciar no comportamento e aprendizagem.

2.2 EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA DE PESSOAS EM CONDIÇÕES ESPECIAIS

A educação especial representa uma grande área do conhecimento, segundo o Art. 58 da Lei nº 9.394/96 é uma modalidade de educação escolar que inclui um serviço de apoio especializado, dadas as condições específicas de educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, sendo realizada preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL,1996).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva surge como uma forma de fortalecer o movimento de inclusão, à medida que define o público-alvo da Educação Especial e suas diretrizes específicas. Assim, tem-se definidas as atividades desenvolvidas no Atendimento Educacional Especializado (AEE), as quais complementam ou suplementam a formação dos estudantes, tendo em vista as suas necessidades educacionais especiais (BRASIL, 2008). Pois,

O termo Educação Inclusiva refere-se ao movimento que busca criar escolas que beneficiem todos os alunos, que a aprendizagem seja oportunizada a todos independente de suas Necessidades Educacionais Especiais, na qual a diversidade seja uma característica intrínseca e, como tal, seja aceita, respeitada e valorizada (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2016, p. 11).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva objetiva assegurar a inclusão escolar e garantir o acesso ao ensino regular, a participação, aprendizagem e continuidade de estudos para o público alvo da Educação Especial, desde a educação infantil até a educação superior. Além disso, destaca a formação necessária do professor que atua no atendimento educacional especializado e as adequações necessárias em termos de estrutura dos estabelecimentos de ensino, a acessibilidade, bem como a participação da família e da comunidade (BRASIL, 2008).

O atendimento educacional especializado (AEE) é oferecido a todos os alunos matriculados e incluídos na classe comum em turno contrário ao da escolarização, sendo este realizado de forma individual ou em pequenos grupos. As atividades desenvolvidas no Atendimento Educacional Especializado são diferentes das realizadas na sala de aula comum, possuem um foco pedagógico e não clínico, não

sendo substitutivas à escolarização e nem devendo ser confundido com sala de reforço, mas como um ensino complementar ou suplementar do processo de ensino e aprendizagem (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA, 2016). Ou seja,

O AEE complementa e/ou suplementa a formação do aluno, visando a sua autonomia na escola e fora dela, constituindo oferta obrigatória pelos sistemas de ensino, para apoiar o desenvolvimento dos alunos público-alvo da Educação Especial, em todas as etapas, modalidades, ao longo de todo processo de escolarização, cabendo a escola orientar a família e o aluno quanto a importância da participação nesse atendimento (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2016, p. 12).

Percebe-se então que, o Atendimento Educacional Especializado “é instituído como um serviço que opera na oferta de recursos de acessibilidade, eliminando barreiras, visando dessa forma à participação e à aprendizagem dos alunos, público alvo, da Educação Especial no ensino comum” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2016, p. 12-13).

2.3 O AUTISMO OU TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O autismo é uma alteração no desenvolvimento caracterizada por mudanças no processo de relacionamento com outras pessoas, comunicação e imaginação, as quais podem ser percebidas antes dos três anos de idade. Conforme Mello (2007, p. 17), “as causas do autismo são desconhecidas. Acredita-se que a origem do autismo esteja em anormalidades em alguma parte do cérebro ainda não definida de forma conclusiva e, provavelmente, de origem genética”. Além disso, julga-se ainda que pode existir uma relação da doença com fatos ocorridos durante a gestação e parto.

Conforme Ministério da Saúde (2000, p. 08), de forma conjunta ou isolada, os autistas podem apresentar as seguintes características:

- Apresentam isolamento mental, daí o nome autismo. Esse isolamento despreza, exclui e ignora o que vem do mundo externo;
- possuem uma insistência obsessiva na repetição, com movimentos e barulhos repetitivos e estereotipados;
- adotam elaborados rituais e rotinas;
- têm fixações e fascinações altamente direcionadas e intensas;
- apresentam escassez de expressões faciais e gestos;
- não olham diretamente para as pessoas;
- têm uma utilização anormal da linguagem;
- apresentam boas relações com objetos;
- apresentam ansiedade excessiva;
- não adquirem a fala ou perdem a anteriormente adquirida.

O diagnóstico do autismo é difícil, sendo na maior parte dos casos “percebidos na escola (ainda no pré-escolar) pelas professoras que, no convívio cotidiano e grupal, podem observar a impossibilidade destas crianças de se relacionar, seja com outras crianças, seja com as próprias professoras” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000, p. 10).

O aluno com deficiência possui um Laudo Médico ou Parecer Pedagógico que atesta a sua condição, um termo de ciência dos pais ou responsáveis, bem como um Plano de Desenvolvimento Individualizado (PDI).

2.3.1 Estudos realizados com alunos com deficiência

Buscou-se junto a referências bibliográficas encontrar estudos que objetivaram trabalhar os diferentes elementos concretos da natureza com alunos em condições especiais, visando o desenvolvimento do educando e a educação ambiental de forma concreta.

O estudo de Silva (2014) objetivou trabalhar a comunicação, a linguagem e a experiência sensorial em alunos autistas a partir de experimentos práticos como o elemento solo. A autora concluiu que os alunos apresentaram evoluções no decorrer da semana com as atividades práticas realizadas, podendo ser mencionados os aspectos relativos a socialização, coordenação motora fina e movimento de pinça. Além disso, ressaltou-se a importância de permitir aos alunos com autismo novas experiências como estímulos ao aprendizado e a educação ambiental de maneira concreta.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO DO LOCAL DE ESTUDO

O referido trabalho foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Luiz Fogliatto em Ijuí, Rio Grande do Sul, a qual atende crianças do 1º ao 5º ano dos anos iniciais, considerando a Matriz Curricular Estadual do Tempo Integral, e alunos do 6º ao 9º ano dos anos finais, no turno da manhã.

Os alunos em condições especiais são matriculados nas turmas regulares, sendo atendidos na sala de recursos no turno inverso à escolarização, ou seja, possuem apoio pedagógico na escola. No ano de 2018 a escola possuía 220 alunos matriculados no total, sendo 14 alunos com necessidades especiais, totalizando seis alunos nos anos iniciais e oito alunos nos anos finais. Destes, nove alunos apresentam deficiência intelectual, dois alunos possuem deficiência múltipla e três alunos são autistas.

A escola possui uma Sala de Recursos Multifuncional, onde se realiza o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e superdotação.

A sala de recursos está organizada com materiais didáticos e equipamentos próprios, podendo ser mencionados os microcomputadores, monitores, fones de ouvido e microfones, impressora, teclado colméia, *mouse* e acionador de pressão, materiais e jogos pedagógicos acessíveis, *software* para comunicação alternativa, plano inclinado, lupas manuais e eletrônicas.

3.2 PLANO DE PESQUISA E COLETA DE DADOS

As práticas e estímulos de educação ambiental foram realizadas com o único aluno dos anos iniciais que possui um quadro clínico compatível de autismo infantil, sendo que o mesmo possui sete anos de idade e encontra-se devidamente matriculado no 2º ano. O referido aluno permanece na escola no horário das 7h30min às 15h45min, com exceção de segunda-feira, onde o horário das aulas para os anos iniciais tem início às 9h00min.

Do ponto de vista dos procedimentos de pesquisa, o trabalho é classificado em bibliográfico e descritivo. A pesquisa bibliográfica “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema” (CERVO; BERVIAN, 1996, p. 48).

Utilizou-se também de pesquisa descritiva para registrar e analisar momentos e situações vivenciadas. Em relação à pesquisa descritiva, considera-se que a mesma procura conhecer diferentes situações e relações que se desenvolvem na vida de um indivíduo isoladamente ou de um grupo ou comunidade (CERVO; BERVIAN, 1996).

Como instrumento para a coleta das informações, a técnica utilizada baseou-se em entrevista não estruturada junto à professora de educação especial que faz o atendimento na sala de recursos e que realizou a prática de confecção do boneco ecológico. Da mesma forma, foi realizada entrevista não estruturada com a outra professora/monitora que faz o acompanhamento do estudante no turno da tarde e que auxiliou nas demais possibilidades de estímulos no ambiente escolar. Conforme a Lei n. 12.764 de dezembro de 2012, art. 3º parágrafo único “em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado” (BRASIL, 2012, p. 02).

Conforme Gil (2005), a entrevista objetiva obter os dados de interesse para o estudo, representando uma forma de interação social, sendo utilizada na realização de pesquisas, diagnósticos e orientação.

As entrevistas com as professoras ocorreram de forma espontânea e sem um roteiro prévio, tiveram como objetivo coletar informações que pudessem retratar de uma maneira mais detalhada as reações do aluno, visto que a presença de uma pessoa diferente do habitual pode atrapalhar e influenciar no comportamento do educando. Dessa forma, as entrevistas foram realizadas posteriormente a realização da prática e estímulos, sem a presença do aluno.

O planejamento de confecção do boneco ecológico foi realizado pela professora da sala de recursos como uma prática pedagógica diferenciada, condizente com o ritmo e as potencialidades do aluno.

Já as formas diferenciadas de estímulos de educação ambiental no atendimento educacional especializado foram propostos como novas possibilidades de experiências e aprendizagens, uma vez que são variadas as formas de terapias e

tratamentos voltados para o autista, dentre elas destacam-se aquelas voltadas para a manipulação de objetos, brincadeiras e estimulação das habilidades.

3.3 ANÁLISE DE DADOS

Depois de realizada, de forma breve, a observação da prática de confecção do boneco ecológico e os respectivos estímulos de educação ambiental no espaço escolar, foi feita a descrição das mesmas. Na sequência, buscou-se com as entrevistas acrescentar informações relativas aos gestos, comportamentos e reações do aluno quando da realização das atividades, realizando-se assim, a complementação das informações e posteriormente a análise das mesmas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CONFECÇÃO DE UM BONECO ECOLÓGICO POR UM ALUNO AUTISTA

Em um primeiro momento foi proposto a literatura infantil “A cabelo de Lelê” de autoria de Valéria Belém (2007), com o objetivo de criar um boneco ecológico e estimular a criação e imaginação do educando. Depois de realizada a leitura do livro, por parte da professora de Educação Especial, foi entregue ao aluno um desenho já pronto com a imagem de uma cabeça com cabelos, sendo ofertados diferentes materiais alternativos composto de barbante e cola colorida, glitter, lantejoulas, tesoura e canudinhos, com o objetivo de fazer um auto-retrato do personagem da história.

Na tarefa realizada, observou-se o envolvimento do aluno, respeitando suas potencialidades durante o processo de criação da figura, sendo que o exercício teve como objetivo o desenvolvimento da psicomotricidade. Mello (2007) salienta que o autista possui dificuldades nos aspectos relacionados à linguagem corporal, tanto em relação a comunicação verbal e não-verbal. Porém, no presente trabalho, percebeu-se o interesse do estudante, o qual desenvolveu a atividade com êxito, conforme pode ser notado na Figura 1. Ainda foi possível observar o aluno no momento em que realiza o processo de recorte de material para colagem no desenho.

Assim, esta atividade permitiu auxiliar no processo de alfabetização do aluno, desenvolvimento intelectual e no contato físico e manuseio com diferentes objetos. É importante salientar que o educando ainda não está alfabetizado e possui dificuldades que envolvem habilidades como recorte e colagem. Conforme Mello (2007), a criança autista tende a resistir ao aprendizado, é resistente ao contato físico e as mudanças de rotina. Porém, o estudante não mostrou-se resistente e pareceu apreciar a tarefa.

Figura 1 – Processo de recorte e colagem de material para confecção de um boneco ecológico pelo aluno autista.



Fonte: A autora, 2018.

Na sequência, a prática deu prosseguimento no espaço externo da sala de aula, ou seja, ao ar livre, buscando-se estabelecer um elo natural entre o aluno e os materiais que seriam utilizados e com a natureza de forma simultânea.

Neste segundo momento, foi confeccionado um boneco ecológico visando oportunizar de uma forma concreta a percepção tátil de diferentes materiais, estimular outras habilidades, promovendo estímulos voltados a educação ambiental.

Inicialmente, foram apresentados ao aluno os diferentes elementos que seriam utilizados para a confecção do Boneco Ecológico, incluindo uma meia fina, o solo, a serragem, a água, os grãos de aveia, as tintas e os pinceis. Neste instante, buscou-se demonstrar que aquele solo representa a base da vida de todos os seres vivos e que o mesmo realiza tarefas vitais no meio ambiente.

Neste sentido, estabeleceu-se o contato físico das mãos do estudante com o solo, a serragem e demais elementos da natureza, sabendo-se que o mesmo possui dificuldades em tocar e sujar as mãos. Pela Figura 2, é possível perceber que foi realizada a aproximação do aluno com os elementos apresentados, não ocorrendo uma recusa por parte dele para a realização da atividade, visto que representava uma situação nova e diferente da sua rotina habitual na escola, contrariando a afirmação de Mello (2007, p. 22), “as mudanças de rotina, como mudança de casa, dos móveis, ou até mesmo de percurso, costumam perturbar bastante algumas destas crianças”.

Figura 2 – Percepção dos diferentes elementos da natureza pelo aluno autista.



Fonte: A autora, 2018.

O processo de criação deu prosseguimento à medida que o procedimento foi sendo desenvolvido. Na Figura 3 tem-se a fase de criação do boneco ecológico por parte do aluno com o auxílio da professora. Primeiramente, colocou-se no interior da meia fina a mistura da serragem com os elementos provenientes do solo, por fim, foram dispostos os grãos de aveia no composto. Com isso, buscou-se criar uma conexão da criança com o meio, uma vez que a mesma pode vivenciar de forma saudável uma nova experiência de aprendizagem infantil.

Depois de terminado o enchimento da meia, o processo de modelagem do bonequinho iniciou. A modelagem foi realizada pelo aluno de maneira orientada e de acordo com o seu gosto, onde buscou-se deixar o aluno livre para estabelecer o contato com a forma criada.

Figura 3 – Processo de enchimento e modelagem do boneco ecológico pelo aluno autista.



Fonte: A autora, 2018.

Finalizada a etapa de modelagem, iniciou-se a caracterização externa do boneco, considerando o aspecto lúdico que o envolve, a estimulação do processo criativo, a percepção tátil, atenção, coordenação motora e consciência ambiental. Mello (2007) considera que a criança autista apresenta dificuldade no uso da imaginação e em processos criativos, questões percebidas durante as brincadeiras e no contato com os objetos e brinquedos. Para tanto, utilizou-se de tintas e pincéis para dar o formato de rosto ao boneco, conforme pode ser observado na Figura 4.

Figura 4 – Imagem do boneco ecológico finalizado pelo aluno autista.



Fonte: A autora, 2018.

Após a finalização do boneco, buscou-se demonstrar a importância da água na vida das plantas e a noção de responsabilidade, visto que ficou combinado que o aluno seria o responsável por molhar todos os dias, durante uma semana, o boneco para o crescimento das sementinhas, e assim, dar origem aos cabelinhos do mesmo. Vale ressaltar que a água é uma necessidade básica para todas as formas de vida e isso foi abordado durante toda a realização da atividade.

Assim, o aluno pode perceber as características físicas da água, ou seja, que a mesma é incolor e inodora. Buscou-se ainda, despertar o cuidado no uso da água. Conforme Bassoi (2005), a água representa a substância mais abundante da biosfera, sendo usada no abastecimento público para diferentes finalidades, dentre estas destaca-se a irrigação de jardins e plantas.

Na Figura 5 pode-se constatar o momento da realização da rega com a água disposta em uma tigela pequena de formato arredondado. Cabe salientar que o educando teve bastante resistência em colocar a mão no recipiente com água, sendo que várias tentativas tiveram que ser feitas para que então fosse concretizada a ação. No entanto, o contato com a água da torneira pelo educando é normal, visto que o mesmo já está habituado a utilizá-la. Pode-se afirmar que tal resistência ocorre pelo fato da situação apresentar-se como nova, ou seja, diferente da sua rotina diária.

Figura 5 – Percepção do elemento água durante a atividade prática realizada pelo aluno autista.



Fonte: A autora, 2018.

Ao final da tarefa concluiu-se que a atividade foi significativa para o aluno, visto que o mesmo prosseguiu molhando todos os dias o seu boneco, inclusive levando o mesmo para a sua casa. Como resultado “nasceram dois fios de cabelo”, fato este decorrente do excesso de sementes dispostas pelo educando durante a confecção do mesmo. Isso mostra que experiências como essas devem ser auxiliadas por profissionais da área, indicando a importância da formação de professores do ensino fundamental e médio na área ambiental, pois através de sua capacitação o tema meio ambiente pode ser melhor abordado em sala de aula, obtendo-se sucesso nessas práticas.

Neste contexto, considera-se importante estabelecer situações diferentes do habitual ao educando. Conforme Mello (2007), mudar de lugar a criança à mesa, variar na alimentação, mudar de canal a TV e o trajeto a caminho da escola, constituem em situações novas que buscam demonstrar que as rotinas não são imutáveis, sendo importante aprender a aceitar as mudanças.

4.2 OUTRAS POSSIBILIDADES DE ESTÍMULOS NO CONTEXTO DO AMBIENTE ESCOLAR

Buscou-se envolver o aluno com outros estímulos de natureza sensorial, com o objetivo de proporcionar uma nova forma de aprendizagem com os elementos do meio ambiente encontrados no espaço da escola.

O pátio da escola é constituído de uma área livre com uma diversidade de possibilidades que podem ser aproveitadas como forma de promover o interesse pela aprendizagem, contendo várias árvores, areia, flores, frutos, pássaros e plantas em geral.

Com isso, o estudante pode estabelecer contato físico com as árvores como uma forma de proporcionar a percepção da cor, altura, textura e sua forma, conforme pode ser observado na Figura 6.

Figura 6 – Percepção da cor, altura, textura e forma das árvores pelo aluno autista.



Fonte: A autora, 2018.

As árvores possuem uma grande importância na manutenção da vida humana. Nas cidades, elas geram benefícios relacionados com a qualidade do ar, proporcionando sombra e amenizando o calor em dias quentes, abrigo e alimento aos

animais, funcionam como barreira acústica, valorizam os imóveis, melhoram as condições do solo e embelezam a cidade (MACIEL et al, 2018).

As flores e diferentes plantas (Figura 7) adicionam um aspecto colorido e agradável ao ambiente, possuindo características variadas que podem ser percebidas pela contato físico e pela percepção visual. A partir do relato da professora, o educando mencionou ter percebido a cor vermelha da flor e a textura peluda e macia, sendo que ele ainda mencionou que a mesma pareceria ser cheirosa.

Figura 7 – Percepção de diferentes plantas pelo aluno autista.



Fonte: A autora, 2018.

O espaço da escola não possui uma horta, onde pudesse ser feito uma atividade voltada para a colheita e consumo direto de alimentos. Dessa forma, foi possível propor ao aluno colher e, posteriormente, consumir os frutos de uma amoreira, visto que na escola existem duas árvores de amoras com uma enorme quantidade de frutos já maduros (Figura 8).

Respeitando as dificuldades e limitações do aluno, o processo de observação do local por parte da criança foi estabelecido, assim como a retirada de poucas amoras da árvore e o seu posterior consumo. Conforme destaca Legan (2007, p. 15), “a área da escola oferece um recurso educativo perfeito”.

Assim, conforme a professora/monitora o aluno considerou difícil colher as amoras, em virtude da altura das mesmas, pareceu apreciar o fruto, pois os consumiu no local, além disso teve a percepção das cores roxa e verde. Cabe salientar que, o educando já havia realizado em outros momentos está mesma atividade na companhia da profissional da escola.

Figura 8 – Colheita e consumo de frutos de amora pelo aluno autista.



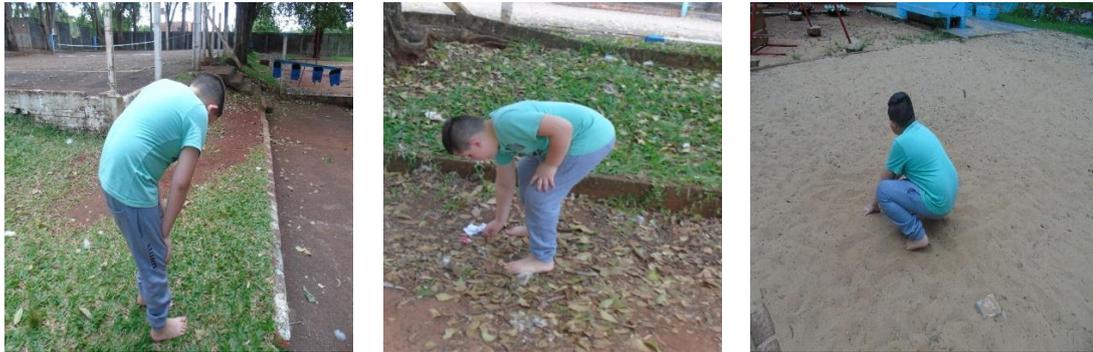
Fonte: A autora, 2018.

Esta experiência buscou possibilitar ainda uma percepção visual para o ambiente como um todo, bem como para a árvore e os frutos de forma específica. Conforme Mello (2007), o autista possui dificuldade de sociabilização, manifestada na incapacidade de compartilhar sentimentos, gostos e emoções.

A atividade foi proposta de forma estimulante, prática e sensível, onde o estudante explorou o local de forma livre e espontânea, sendo essa alternativa diferenciada de experiência com a natureza. Para Legan (2007, p. 15), “a sala de aula ao ar livre se encaixa em qualquer currículo, para qualquer idade ou nível escolar”.

Neste sentido, foi sugerido também para o aluno retirar os calçados e caminhar pela grama, folhas secas e na quadra de areia, conforme pode ser visualizado nas Figura 9.

Figura 9 – Percepção do solo pelo aluno autista enquanto caminha descalço.



Fonte: A autora, 2018.

Conforme relato da professora/monitora, ao andar nas folhas secas o aluno notou o barulho ao caminhar sobre elas. Já na grama comentou sobre o formato da mesma, sentiu coceira nos pés e percebeu a presença de formigas no local. Durante o tempo que permaneceu na areia, constatou a consistência macia, fria e a sujeira da mesma, considerando bom caminhar descalço tanto na areia como sobre as folhas secas.

A educação ambiental se configura como uma forma de conduzir os indivíduos a adquirir uma verdadeira percepção do mundo que a cerca, a fim de envolver para as questões que dizem respeito ao meio ambiente.

Assim, pode-se dizer que a educação ambiental surge com o objetivo de despertar a consciência ecológica em cada ser humano, oportunizando um conhecimento que possa permitir uma mudança de comportamento voltado à proteção da natureza como um todo. Além disso, a educação ambiental corresponde a um processo participativo, onde os indivíduos assumem o papel como agente transformador no processo de ensino/aprendizagem, participando ativamente no diagnóstico dos problemas ambientais e na busca de soluções, desenvolvendo habilidades e atitudes éticas e condizentes ao exercício da cidadania.

5 CONCLUSÃO

O objetivo geral do estudo foi promover práticas e estímulos de educação ambiental com um aluno autista, assim sendo, apresentou-se uma atividade prática de confecção de um boneco ecológico como forma de estimular o processo de criação e imaginação, bem como propostas diferenciadas formas de estímulos de educação ambiental junto ao meio ambiente.

Sendo assim, salienta-se que a tarefa de confecção do boneco ecológico mostrou-se significativa e importante para o aluno, uma vez que o mesmo estabeleceu o hábito de molhar o boneco após a sua finalização, despertando o cuidado e a responsabilidade. Durante a atividade, foi possível constatar as atitudes de respeito ao aluno com deficiência, visto que durante toda a atividade buscou-se respeitar as suas limitações. Além disso, destaca-se a importância do apoio as práticas pedagógicas de atenção às diferenças, as quais visam possibilitar novas possibilidades e experiências de aprendizagem.

O contato com a natureza foi sugerido como uma forma diferenciada de estabelecer estímulos de educação ambiental para um aluno autista, buscando-se aproveitar dos recursos existentes no espaço da escola. A partir do contato com as árvores, flores, frutos e com o solo pode-se constatar que o aluno pode perceber detalhes dos diferentes ambientes no qual ele entrou em contato, ou seja, teve a percepção das características físicas da árvore, flores e frutos, bem como do aspecto do solo enquanto caminhava descalço, demonstrando inclusive preferências pessoais.

Assim sendo, torna-se necessário estabelecer mudanças de concepções em relação aos alunos com deficiência, considerando as suas necessidades e as suas potencialidades individuais. Por outro lado, a partir da criatividade é possível promover uma diversificação das práticas pedagógicas articuladas com temas de educação ambiental, representando uma forma de aproximar o aluno a novas experiências com a natureza, uma vez que podem ser estabelecidos com facilidade no contexto escolar. O contato com o meio ambiente possibilita liberdade para o aluno se expressar de uma forma diferenciada do habitual, oportunizando condições para superar as suas dificuldades.

Diante do referido estudo, recomenda-se realizar o mesmo trabalho com outros alunos com necessidades especiais, visando estabelecer outras análises e experiências. Por outro lado, poderiam ser acrescentadas outras formas de estímulo junto ao meio ambiente, sendo estas oferecidas durante as viagens e passeios realizados pela escola.

REFERÊNCIAS

BASSOI, L. J. Poluição das águas. In: PHILIPPI JR, A.; PELICIONI, M. C. F. (Ed.). **Educação ambiental e sustentabilidade**. Barueri, SP: Manole, 2005, p. 175-194.

BELÉM, V. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, 1988.

_____. Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação**. Brasília, 1996.

_____. Lei nº. 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em 20 de novembro de 2018.

_____. Lei nº. 9.795, de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em 21 de novembro de 2018.

_____. Lei nº. 6.938, de 31 de agosto de 1981. **Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6938.htm. Acesso em 20 de novembro de 2018.

_____. Lei nº. 13.146, de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: http://www.punf.uff.br/inclusao/images/leis/lei_13146.pdf. Acesso em 22 de out. de 2018.

_____. Nota Técnica nº 04 de jan./2014/MEC/SECADI/DPEE. **Orientação quanto a documentos comprobatórios de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação no Censo Escolar**. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15898-nott04-secadi-dpee-23012014&category_slug=julho-2014-pdf&Itemid=30192. Acesso em 09 de novembro de 2018.

_____. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. **Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm. Acesso em 14 de novembro de 2011.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** MEC/SECADI. 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em 13 de novembro de 2018.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** São Paulo: Prentice Hall, 1996.

DEFENSORA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Cartilha direitos das pessoas com autismo.** 2011. Disponível em: http://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/direitospessoasautismo_leiturapdf. Acesso em 22 de out. de 2018.

ESCOLA ESTADUAL LUIZ FOGLIATTO. **Projeto Político Pedagógico.** Ijuí, 2016. 29 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação Ambiental. In: PHILIPPI JR, Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi (Ed.). **Educação ambiental e sustentabilidade.** Barueri, SP: Manole, 2005, p. 577-598.

LEGAN, L. **A escola sustentável: ecoalfabetizando pelo ambiente.** 2 ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Pirenópolis, GO: Ecocentro IPEC, 2007.

LEONARDI, M. L. A. A educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual. In: CAVALCANTI, C. (Org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos.** 18 ed., São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LUZZI, D. Educação ambiental: pedagogia, política e sociedade. In: PHILIPPI JR, A.; PELICIONI, M. C. F. (Ed.). **Educação ambiental e sustentabilidade.** Barueri, SP: Manole, 2005, p. 381-400.

MACIEL, J. L. et al. **Educação ambiental como ferramenta para a manutenção da arborização urbana de Porto Alegre - RS.** Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smam/usu_doc/educacao_ambiental_como_ferramenta_para_a_manutencao_da_arborizacao_urbana_de_porto_alegre_-_rs.pdf. Acesso em: 07 de out. 2018.

MELLO, A. M. S. Ros de. **Autismo: guia prático.** 6.ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Autismo: orientação para os pais**. Casa do Autista - Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

PELICIONI, M. C. F. Educação ambiental para uma escola saudável. In: PHILIPPI JR, A.; PELICIONI, M. C. F. (Ed.). **Educação ambiental e sustentabilidade**. Barueri, SP: Manole, 2005, p. 827-848.

PELICIONI, M. C. F.; PHILIPPI JR, A. Bases políticas, conceituais, filosóficas e ideológicas da educação ambiental. In: PHILIPPI JR, A.; PELICIONI, M. C. F. (Ed.). **Educação ambiental e sustentabilidade**. Barueri, SP: Manole, 2005, p. 03-11.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

SAITO, C. H. Política Nacional de Educação Ambiental e construção da cidadania: desafios contemporâneos. In: RUSCHEINSKY, A. (Org.). **Educação ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, A. H. F. da. **O solo como instrumento concreto na educação do desenvolvimento sustentável para alunos com transtorno invasivo do desenvolvimento (autismo)**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação do Campo) - Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2014.

TRISTÃO, M. As dimensões e os desafios da educação ambiental na sociedade do conhecimento. In: RUSCHEINSKY, A. (Org.). **Educação ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZIRALDO. **Autismo: uma realidade**. 2013, 27 p. Disponível em: <http://cartilha-zirald-autismo-uma-realidade.pdf>. Acesso em: 07 de out. 2018.